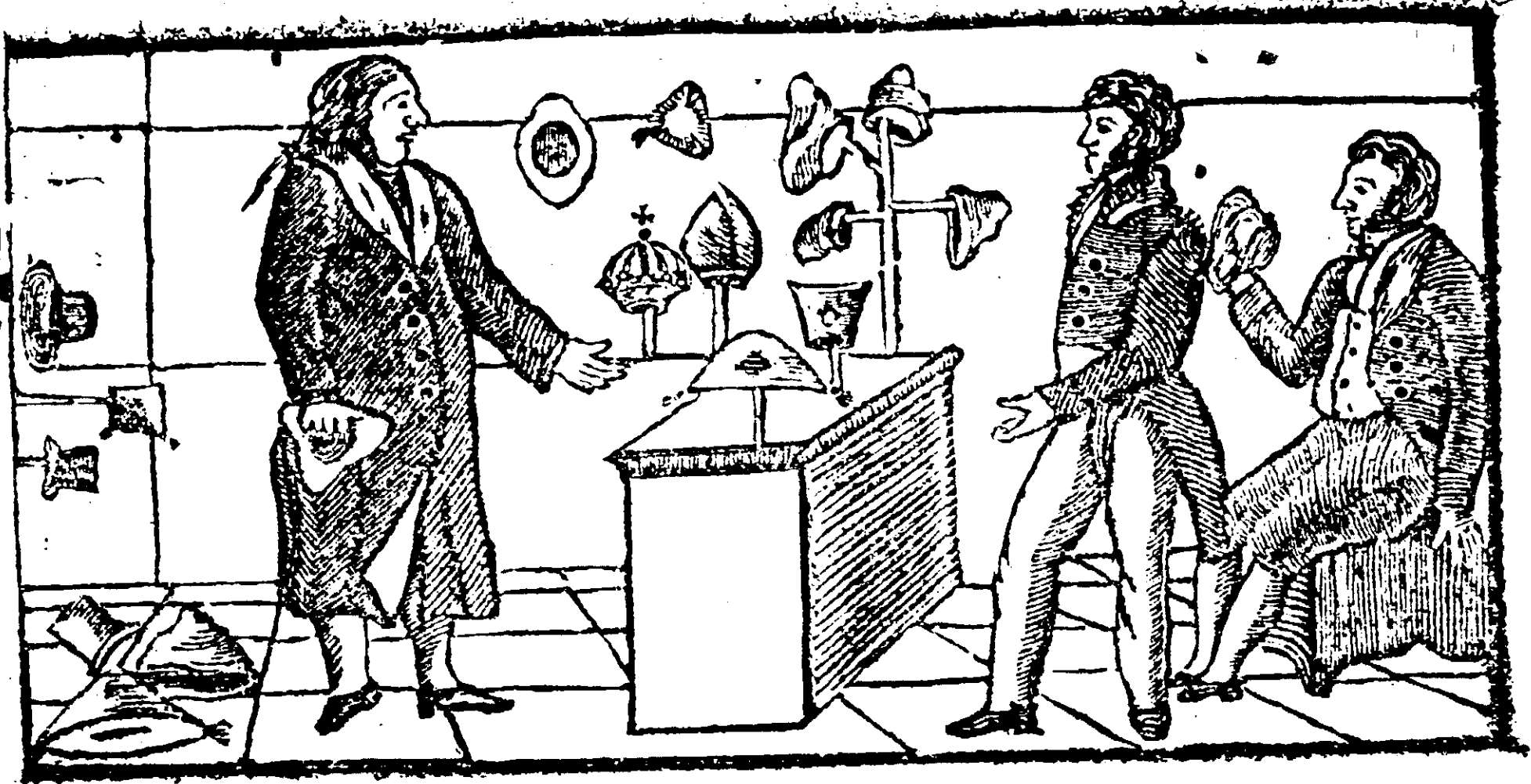


O
CARAPUCEIRO

20 DE MAIO
DE 1837



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Huius servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.
Marcial Liv. 10. Epist. 33.*

Guardarei nesta Folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas;

A Moral do Brazil.

DE quantos vocabulos contém os Diccionarios nenhum há de tão frequente uso entre nós, como o vocabulo „Moral. „ Não ouço fallar n'outra cousa, se não em Moral. Qual he o Periodico, que não ensina Moral? Qual a peça de Theatro, que nos não impinja carradas de Moral? Qual o rapazola gamenho, impertigado, e franchinote, que se não diga hum bom Mestre, e espelho de Moral? Qual a Moçoila faceira, balharina, e requebrada, de quem se não diga, que he hum compendio acabado de Moral? Entre nós

não há cousa, que não seja Moral. Os Bailes são escolas de Moral, as Comedias, e Tragedias outros tantos tractados de Moral: os fogos d'artificio, as maquinas, os fandangos da mesma sorte, e não sei, se até o „o engraçado Bumba meu boi,, he hum divertimento de grande moralidade.

Entre tanto que muito, e mais que muito se papaguêa na Moral, a depravação dos costumes parece, que vai de mal a pior. Na classe dos Padres (começemos por cá) que relaxação! Que falta de decoro! Que acções vergonhosas! Na gente da Justiça, nos proprios Magistrados a corrupção, e venalidade

causão horror de maneira que nos pleitos já se não indaga quem tem razão, porém quem tem dinheiro, e animo de o repartir. Nas transacções commerciaes, e nos contractos cada qual que seja mais caramboleiro, e gerigote. Nos funcionarios Publicos reina desempeado, e arrogante o Peculato: o furto, o roubo, o assassinio são accções tão usuaes, e comezinhas, que já nem móca, nem admiração produzem. Advirta-se desde já, que quando assim discurso em geral, sempre reconheço em todas as classes algumas mui honrosas excepções: não quero graças com pechosos, e praguentos.

A corrupção he quasi universal: a gangrena da immoralidade, começando das partes superiores, tem-se propagando por todo o corpo social. O filho já pouco, ou nada respeita ao pai, o moco zomba, e escarnece do velho, a mulher, diz, que já conhece os seus direitos, e quer mandar na casa tanto, ou mais, que o marido; o Ministro da Religião he tractado talvez com mais desprezo, que o mais miseravel farrou-pilha; o discipulo quer andar a par e passo com seu mestre, se não he, que exige deste considerações, e zumbaias. Perdeo-se a quella sisudeza, e gravidade de que tanto se prezavão os nossos maiores; banio-se d'entre nós a generosidade, tem-se quebrantado os brios Pernambucanos, e a boa fé he huma virtude, de que a penas conservamos saudosas recordações. Mas os Periodicos a venderem Moral de papel pardo, que he huma praga: todos a pregarem Moral, e a nossa Moral de mal a pior!!!

E donde procederá tudo isto? Qual a razão sufficiente de tão geral corrupção? A dizer o que penso, eu vou buscar a origem d'este mal nas pestíferas doutrinas, que infelizmente grassão entre nós, e que entrão na educação da nossa Mocidade. Os Imperios vivem, ou

morrem pelas doutrinas; e se com effeito a verdade constitue a Moral, e se a Moral constitue os Estados, estes sofrem as mesmas commoções, que apalão a verdade, e devem baquear com ella. certos systemas filosoficos, hoje inteiramente desacreditados na Europa illustrada, ainda são os que vogão nas escolas do Brazil, onde a Mocidade bebe com avidéz o pernicioso veneno do sensualismo de Loke, e Condillac. Entre nós, à excepção de hum, ou outro particular, que vive retirado, não se conhece outra Filosofia, se não o quasi materialismo do Seculo 18, que tantos males derramou sobre a França, e sobre o mundo inteiro. A nossa Mocidade ignora inteiramente a doutrina do idealismo tão felizmente principiada por Kant, e hoje aperfeicoada por hum Royer-Colard, e pelo Platão moderno, o grande Cousin. Huma enxurrada de Novellas se derrama por todos os lados pela mór parte tosca, e miseravelmente traduzidas para o nosso idioma, que assim se vai mais e mais corrompendo, e viciando. E de que constão quasi todas essas Novellas, cujos titulos são prodigiosamente variados, e numerosos? A paixão do amor he por via de regra o seu fundamento, como se a Mocidade, houvesse mister de ser estimulada para tal affeição! Ali se ensina, como huma filha ha de illudir a vigilancia dos pais, e sacrificar se ao seu amante; ali até muitas, vezes, se vê bigodeada a sancta fidelidade conjugal! Por outra parte deixão-se correr livremente, e andão por todas as mãos os citadores de Pigault Lebrun, a Thereza Filosofa, o Templo de Jateha, a Carta apocryfa de Talleyrand ao Papa, e outros escriptos obscenos, e emminantemente corruptores.

Se volto os olhos para as Sciencias Juridicas, e sociaes, vejo com magoa, que as obras de Jeremias Bentham são o manual, e as delicias de huma gran-

de parte da nossa Mocidade, que se dá a esses estudos. Bem longe estou de pretender deturpar, e abalado credito desse profundissimo Jurisconsulto da Grã Bretanha. Todas as suas numerosas obras tem o canho da profundidade da Logica luminosa, e do mais rigoroso espirito de analyse: mas o seu principio do interesse ou utilidade veio corromper de todo a Moral. Bentham não o inventou: antes foi desenterrado dos escriptos de Epicuro, e bem pode ser, que muito aproveitasse das doutrinas de Helvecio. No pensar do sabio Inglez a idéa do justo, e do injusto he huma quimera: as leis humanas são as que crião essa distincção: direito natural he cousa, que não existe; e toda a Moral, toda a Legislação, toda a Politica devem derivar do principio da utilidade: e como não se dignasse de errear hum Tribunal ineffectivel, que decidisse em ultima instancia as innumeradas duvidas, e colisões sobre a utilidade; claro está, que deixa a o juizo privado o remover todos os embaraços, que se possam offerecer. Bentham não quer, que se diga ao Povo -- Abstem-te de tirar o alheio, por que tal accção he contra o Direito Natural, he contra o mesmo Deus, que grita em tua consciencia -- Não faças a outrem o que não quizeras, que te fizessem -- Porém ensina, que se lhe diga -- Examina por ti mesmo a tua accção: se te for util, põe-a em pratica; do contrario, não a executes. -- Mais succinto, e mais sincero me parece o já citado Helvecio, que tudo reduz ao prazer, e a dor, e quer, que estas duas primordiales sensações, sejam os polos, sobre que gire toda a Moral. Tudo, que nos causa prazer he bom, he honesto, he justo, e pelo revés tudo que nos excita a dor: o crime só esto no excesso; e tal he toda a *sancta* Moral do Cathecismo do Cidadão Francez.

Esta doutrina da utilidade, ou do interesse, resuscitada e remocada por

Bentham, doutrina cadaverosa (se assim me posso exprimir) que espanca do coração humano as mais doces paixões affectuosas, que proscreeve os sacrificios, e accções heroicas, que reduz o homem a huma machina de puro calculo; sabio da escola de Epicuro, e fez a rainha d'antiga Roma. Sim em quanto os Romanos erão discipulos, e seguidores do espiritualismo de Platão, a sua Patria era huma Patria de herões, erão livres os seus cidadãos, e podião alardear virtudes nas pessoas dos seus Scevolas, dos seus Fabios, dos seus Cincinatos, dos seus Scipiões, dos seus Fabricios, e Catões: mas logo que vogou entre os Romanos a doutrina do interesse, logo que o sensualismo levou dianteira ao espiritualismo, foi de cahida a Cidade e terna; o aguilhão do interesse despertou o prurito das conquistas, estas trouxerão o luxo, e a moleza; intibiou-se de dia em dia o amor da Patria forão desbotando as virtudes civicas; a venalidade invadido todos os Tribunaes, a prostituição desceo das familias Patricias até ás ultimas fileiras da plebe, o interesse foi o idolo de todos os corações, e Roma despedaçada pelas facções, e guerras civiz, ludibrio de Marco Antonio, victima de Catelina preza d'ousados ambiciosos, saturada de crimes, e desgraças, parece, que quiz buscar o descanso do tumulto nos braços da Tyrannia.

E será crível, que huma doutrina, que assim desmoronou as virtudes de Roma, venha trazer venturas ao Brazil? Não ouço fallar, senão em industrialismo, e no perigoso principio da utilidade. Parece que se pretende reduzir a especie humana a simples machina de produção, e consummo, e a hum puro, e exclusivo sensualismo. Deus me livre de querer menosprezar a industria, que he huma das fontes perenaes dos bons costumes: mas não entendo, que seja a unica, e tão absoluta, que se não cuide em outra cousa; por que

ousarei dizer com o Divino Mestre - *Non-sole pano vivit homo.*

O Brazil (falto principalmente do nosso Pernambuco), tem melhorado muito em commercio com edificios: há hoje muito mais carrinhos, traquitanas, &c., do que antigamente: há muito mais pessoas, que toquem pianos, violões; há walsas, montenellos, tractados completos *cum notis variorum* de contradanças Francezas, e Inglezas, e talvez não faltem *luminosos* escriptos sobre os preceitos do polido galope: mas tambem he inegavel, que hoje furta-se, e mata-se mais do que em outros tempos, e que a impunidade dos crimes he, como nunca foi.

Hoje qualquer miquilete por ahí pode dar quinaus n'Arte de furtar attribuida ao Padre Antonio Vieira: hoje mata-se ou manda-se matar hum homem com tanto desfastio, como antigamente se sangrava hum porco para hum Noivado. E a Moral a dar badeladas nos Periodicos! Todos querem ser livres: não se falla, se não no systema, que felizmente nos rege: conhece-se a peste, que se mette no Brasil, introduzindo-lhe escravatura: ninguem desconheca, que cada escravo, que se importa no nosso litoral he mais hum barril de polvora, que algum dia servirá para a mais horrivel explosão. Entre tanto a pezar de Tratados, de Leis, de Auctoridades, comercea-se em carne humana, quasi como em carne de vacca: embarcações chegam todos os dias carregadas dos nossos semelhantes: e hum Povo, que se diz Christão, hum Povo, cujos caudilhos, e desfructadores lhe tem mettido em cabeça tantas fumaças de liberalismo, e philantropia, compra, e vende homens, como se forão burros! Quem sabe, se querem os pretos da Costa d'África para mestres de Moral?

Mas não: a cousa explica-se admiravelmente com a doutrina da utilidade. O escravo me he util para trabalhar na terra (diz o Agricultor) para me dar que comer, que vestir, e galear: sem es-

cravaz ficarão de fogo morto os engenhos: logo devo comprar os escravos; por que assim entendo ser do meu interesse? e viva o tal Jeremias Bentham, mais quem o atirou para cá.

O effeito natural da doutrina do interesse (diz Benjamin-Constant) he fazer, que cada individuo torne-se centro de si proprio. Quando cada hum he centro de si proprio, todos vivem solitarios, e ninguem se importa da felicidade do todo. Dous são os unicos systemas de Moral em ultima analyse. Hum assigna-nos por guia o interesse, e por fim a felicidade: outro propõe-nos por fim a perfeição, e por guia o senso intimo, a abnegação de nós mesmos, e a faculdade do sacrificio. Quem abraça o primeiro deve fazer do homem o mais destro, o mais astuto, o mais cauteloso dos animaes: e então leis, regulamentos, Auctoridades tudo se illude, tudo se posterga, e o deos, a que todos adorão he o interesse.

Ninguem dirá com verdade, que tenho carregado a mão no quadro, que hei feito da nossa tão geral immoralidade. Ella está à vista de todos, e he geralmente lamentada pelas pessoas, que sabem recuar em taes objectos. Mas qual será o remedio de tão grandes males? Eu não conheço, outro, se não a mudança das doutrinas; e por isso só o aguardo de outra geração, se a mão piedosa do Governosouber assentar-lhe os alicerces, fazendo huma revolução feliz na educação da nossa Mocidade. Religião, e mais Religião: Filozofia espiritualista, e riscado do ensino publico o pestilente principio do interesse, filho legitimo do sensualismo d'Epicuro. Eis a meu ver todo o remedio, que se já nos, não pode sanear, dará saude, força, e virtude ás gerações futuras. „ Je me chargerai de changer le monde (dizia o profundo Leibnitz) si je pouvais changer l'education des generations naissantes „ Eu mudaria a face do mundo, se podesse mudar a educação das gerações nascentes.